



PERFIL

JOSÉ SARNEY

O BRASILEIRO QUE VENCEU ATAQUES LEAIS E DESLEAIS, TRAIÇÕES E FUTRICAS PARA DEIXAR UM LEGADO À HISTÓRIA

Divulgação



OS ESCRITORES JORGE AMADO E ZÉLIA GATTAI COM O PRESIDENTE E A PRIMEIRA-DAMA, MARLY, EM 2/7/1986, DIA DA BAHIA, NA ASSINATURA DA LEI QUE INCENTIVAVA A CULTURA

Cece/CB/D.A. Press

POR SILVESTRE GORGULHO

José Sarney é um predestinado. Várias imagens do filme *Maranhão 1966*, de Glauber Rocha, sobre sua posse em 31 de janeiro de 1966, como 48º governador do Maranhão, são usadas num outro épico do cineasta baiano: *Terra em Transe*.

Premiado em Cannes e outros grandes festivais, *Terra em Transe* — que tem no seu elenco figuras notáveis da arte nacional, como Jardel Filho, Paulo Autran e José Lewgoy — sobrevive atualíssimo em sonhos revolucionários, golpes, traições políticas, censuras, poesia, populismo, críticas da esquerda, críticas da direita, tropicalismo para se tornar um clássico do cinema brasileiro.

A vida e a obra do editor, jornalista, político, escritor e poeta José Sarney seguem a mesma trajetória utópica, polêmica e conflitante de uma verdadeira terra em transe. E não é para menos. Não só por ter participado na juventude de movimentos literários em jornais e revistas, mas por ter ocupado todos os cargos eletivos do país. Dos 94 anos, 75 foram vividos no transe jornalístico, cultural e político. José Sarney é um recordista da República. O mais longo político da história brasileira. Foram 61 anos de mandatos eletivos de primeira grandeza: 39 como senador — cinco mandatos, sendo um incompleto por ter sido eleito vice-presidente da República, em 1985. Como deputado foram 12 anos, como governador foram 5 e como presidente da República também 5 anos. Foi quatro vezes presidente do Congresso Nacional e, como senador, representou o Maranhão e o Amapá. Ultrapassou o recorde do Patrono da Casa, Ruy Barbosa, que ocupou a cadeira do Senado por 31 anos. Sarney ocupou-a por 39. O mais surpreendente é que chegou ao mais alto posto político do país, tendo a complexa missão de substituir Tancredo Neves como presidente da República na vida real, quando Tancredo era o Salvador da Pátria no imaginário popular.



REGISTRO FEITO PELO CORREIO EM 1980 DOS ENTÃO SENADORES TANCREDO NEVES E JOSÉ SARNEY

José Sarney é um pensador. Seu lado intelectual é menos lembrado, mas é mais forte e consistente do que o lado político. A literatura fala muito mais alto em sua biografia, ganhando em 14 anos da política.

Em 1947, começa como profissional ao ganhar um concurso de reportagem do jornal *O Imparcial*. Aos 19 anos, cria o *Suplemento Literário de O Imparcial* e, logo, é eleito para a Academia Maranhense de Letras. Em 1950, edita a revista *A Ilha*, com Luiz Carlos de Bello Parga e Bandeira Tribuzzi. Lançou seu primeiro livro de poesia, *Canção Inicial*, em 1952. José Sarney contabiliza 75 anos de literatura. Escreveu 122 livros com 172 edições, vários deles traduzidos em 12 idiomas. Hoje, é membro e decano da Academia Brasileira de Letras.

A história há de registrar que o governo José Sarney foi um divisor de águas em relação ao meio ambiente. Para refrescar a memória, foi Sarney que criou o Ibama, na implementação do Prev-Fogo, na criação do maior número de unidades de conservação num só governo e, mais importante, reduziu em

30% as queimadas e desmatamentos na Floresta Amazônica. A Conferência de Desenvolvimento Sustentado da ONU, de 1992, seria realizada no Canadá. Foi José Sarney que se empenhou, pessoalmente, e conseguiu trazê-la para o Brasil. O ex-presidente orientou o embaixador Paulo de Tarso Flecha de Lima a negociar a troca de Toronto pelo Rio de Janeiro, oferecendo a Secretaria-Geral do evento ao canadense Maurice Strong. Assim, a Rio-92 se tornou referência ambiental do planeta, quando 175 chefes de Estado e de governos marcaram presença na primeira semana de junho de 1992.

Dois fatos ainda a relembrar: foi Sarney que proibiu a pesca da baleia no Brasil e, no seu governo, o país deixou de ser vilão do meio ambiente para dar exemplo ao mundo.

Vindo do meio rural, profundo conhecedor e defensor da Embrapa, Sarney resolveu dar condições para a agricultura de sequeiro. Criou o Ministério da Irrigação e chamou o ex-presidente da Embrapa, Eliseu Alves, para dirigir a Codevasf. Deu-lhe a missão: investimento em projetos públicos de

irrigação e atendimento para a agricultura nordestina da região do Vale do Rio São Francisco. No início de seu governo, a área irrigada era de 2,1 milhões de hectares. Em 1990, quando deixou o governo, a área irrigada era de 2,4 milhões de hectares.

A cultura brasileira teve dois momentos históricos: a criação do Ministério da Cultura, em 1985, e a aprovação da Lei de Incentivos Fiscais em benefício às atividades culturais, batizada como Lei Sarney. Quem se lembra? A Lei Sarney foi assinada em 2 julho de 1986. A escolha da data tinha motivo. O autor queria fazer três homenagens: ao Dia da Bahia, "Dois de Julho", ao maior escritor brasileiro Jorge Amado e à aniversariante do dia, escritora Zélia Gattai, mulher de seu compadre baiano. O casal veio a Brasília especialmente para, no Palácio do Planalto, participar da cerimônia de assinatura da lei.

A Lei da Cultura é uma teimosia de José Sarney. Durante o seu primeiro mandato de senador, em 1972, apresentou a primeira proposta de uma lei de incentivos à cultura. Houve

dificuldades para implementar a parceria público-privada em pleno governo militar. De 1972 a 1984, por cinco vezes, José Sarney tentou aprovar uma lei da cultura. Só conseguiu fazê-lo em 1986, porque era o presidente da República. A sistemática da lei era pautada no cadastramento da empresa proponente e não por projetos. Isso deu margem a várias distorções que precisavam ser adequadas.

Essa adequação veio em 1991, com o presidente Fernando Collor, quando o então secretário de Cultura, embaixador Sérgio Rouanet, fez aperfeiçoamentos na Lei Sarney e mandou um novo projeto de lei para o Congresso. Atualizou o anterior, agora pautado no cadastramento de projetos e não de empresas. Collor sancionou a nova lei em 23 de dezembro de 1991 e fez questão de mudar-lhe o nome. A Lei Sarney virou Lei Rouanet. O mercado político é assim mesmo. Cheio de vaidades. Não faltam padrinhos para filhos bonitos.

Lusófono de carteirinha, nasceram da cabeça de José Sarney duas iniciativas culturais globais: a criação do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) e o tombamento de Brasília como Patrimônio Cultural da Humanidade, chancelado pela Unesco em 7 de dezembro de 1987. Ambos os projetos foram tocados com competência e determinação pelo ex-ministro da Cultura e ex-governador de Brasília, José Aparecido de Oliveira.

José Sarney viu a luz do sol pela primeira vez em Pinheiro, interior do Maranhão, em 24 de abril de 1930. Impressionante que, sempre guiado por um simples candeeiro, teve oportunidade de conhecer a luz elétrica — símbolo da modernidade — somente aos 12 anos, quando foi fazer exame de admissão no Liceu Maranhense, em São Luís. No escuro e na luz, José Sarney soube atravessar florestas, pular riachos, cruzar fronteiras, subir montanhas e garimpar estrelas. A um mês de completar 95 anos, José Sarney continua um meteoro em política, cultura e na defesa da democracia.

É um predestinado.

*Jornalista, ex-secretário de Cultura de Brasília, foi secretário de Imprensa do Governo José Sarney de 1987 a 1988